

Documentário “Dona Toinha”: escrevivência e memória a partir da oralidade¹

Maurício Valdemar Jerônimo Júnior²

Rodrigo Tomaz da Silva³

Universidade Federal do Cariri, Juazeiro do Norte, CE

RESUMO

Este artigo aborda os conceitos de memória (Ferreira 2013), oralidade (Ferreira 2012) e escrevivência (Evaristo, 2020) no documentário “Dona Toinha”, analisando a riqueza social e cultural nas falas da personagem, bem como sua relação com o *griot* (Ferreira, 2012). A obra audiovisual em questão foi desenvolvida pelo autor deste texto em 2022, na região do Cariri cearense, e documenta as vivências e a personalidade de Antônia Alves, mulher nordestina, que descreve situações de traição, abandono e pobreza. Em contraponto, conta suas conquistas e alegrias, em paralelo às cenas de seu cotidiano. Na análise do filme também é apresentado relatos sobre as escolhas estéticas para o processo criativo. Ao final, com o estudo teórico e apreciação do filme, reflete sobre a coletividade presente nas narrativas contadas, merecedoras de ser registradas, estudadas e divulgadas.

PALAVRAS-CHAVE: Documentário; Escrevivência; Memória; Oralidade; *Griot*.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda os conceitos de memória, oralidade e escrevivência no documentário “Dona Toinha”⁴ diante das narrativas contadas pela personagem. Nesse sentido, faço uma análise da riqueza social e cultural, visto que características como identidade, religiosidade, luta, dor e esperança, estão de maneira explícita e implícita em suas falas.

“Dona Toinha” é fruto de um Trabalho de Conclusão de Curso da graduação em Jornalismo na Universidade Federal do Cariri, desenvolvido em 2022. O filme narra as

¹ Trabalho apresentado na IJ04_- Comunicação Audiovisual, da Intercom Júnior – XIX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Bacharel em Jornalismo pela Universidade Federal do Cariri (UFCA), e-mail: mauriciojr001@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Regional do Cariri (URCA), Mestre em Artes Cênicas pelo PPGAC – UFBA, e-mail: rodrigo.tomaz@urca.br.

⁴ Link para acesso ao documentário curta-metragem “Dona Toinha” completo: <https://youtu.be/ZSYM51e7Ma8>

vivências da personagem Antônia Alves, mulher nordestina, com história de vida marcada por decisões e motivações que mudaram os rumos de sua família. Uma senhora de 68 anos que na adolescência abandonou sua família e fugiu com o circo. A partir desse episódio, ela descreve situações de traição, abandono e pobreza. Em contraponto, conta suas conquistas e alegrias, em paralelo às cenas de seu cotidiano.

As narrações da personagem dão impulso para discussões sobre recortes sociais que atravessam sua existência, como racismo, feminismo⁵, entre outros.

Este artigo também analisa como a obra audiovisual em questão documenta as memórias, transportando a pessoa espectadora para um encontro íntimo com a personagem, por meio de suas experiências e personalidade. Além disso, observa como os aspectos da escrevivência (Evaristo, 2020) se apresentam a partir da oralidade nos relatos da personagem. O referido conceito usa a escrita como expressão para comunicação de mulheres negras sobre suas vivências e ancestralidade, como as memórias e histórias de vida da personagem que resultaram nas narrativas do documentário, mesmo que feitas por meio de artifícios orais e visuais.

Com esse trabalho ainda é possível observar como alguns conceitos estudados na academia, muitas vezes restritos a este espaço, estão presentes nas vivências de “pessoas comuns”, que não acessam esses saberes sistematizados, e que são figuras fortes, representativas da cultura de um local e formadoras da sociedade em território nordestino.

Sendo assim, é importante enxergar no que as pesquisas realizadas dentro da academia contribuem para a sociedade, mesmo em sua parcela que não tem acesso a esse espaço, a fim de tais conhecimentos não ficarem restritos ao campo acadêmico, já que as vivências e experiências relatadas pela personagem são reflexo de uma classe que viveu e vive situações subalternas.

Embora este trabalho não se concentre em aspectos técnico da linguagem audiovisual, abordo também sobre o processo que culminou no documentário “Dona Toinha”, descrevendo as escolhas estéticas feitas a partir de detalhes como a riqueza social e cultural que a personagem carrega consigo.

⁵ Conforme Françoise Vergès (2020), na obra *Um Feminismo Decolonial*, feminismo é um movimento que, além da luta pela igualdade entre gêneros, é plural, tendo como objetivo alcançar a justiça social, o respeito, dignidade, e a destruição do racismo e capitalismo. Sobretudo, ela defende o feminismo decolonial, em que as mulheres atuam a fim de “reconhecer seus sacrifícios, honrar, suas vidas em toda a sua complexidade, os riscos que assumiram, as hesitações e as desmotivações que conheceram. [...] O feminismo decolonial é a despatriarcalização das lutas revolucionárias. Em outras palavras, os feminismos de política decolonial contribuem na luta travada durante séculos por parte da humanidade para afirmar seu direito à existência” (p. 35).

Conecto o documentário e as narrativas presentes nele com aspectos de memória e oralidade, temas que consequentemente relacionam a personagem com o *griot* que, na definição de Amanda Crispim Ferreira (2013) são pessoas, sobretudo idosos, que possuem a prática de transmitir aos mais novos, por meio da narração de histórias e uso da oralidade, memórias de uma comunidade e costumes ancestrais.

“Dona Toinha” pauta-se por uma estrutura narrativa de relatos de vida da personagem, uma das formas comuns de fazer um filme documentário, com observações a respeito do presente e do passado. Penafria (2001) afirma que a estrutura narrativa implica saber desenvolver uma história, no sentido de organizar a estrutura dramática e/ou narrativas em cenas e sequências, a fim de transmitir a visão do documentarista sobre determinado assunto para o espectador.

MEMÓRIA

Assim como outros atos de documentar, “Dona Toinha” foi realizado como um instrumento de registro da memória, concebido como uma solução encontrada para a ameaça do esquecimento. Não considero que se trate de um “resgate da memória”, pois acredito que aquela memória está viva e não perdida, ou seja, está sendo recordada e revivida sempre que provocada nas histórias narradas inúmeras vezes pela personagem. Amanda Crispim Ferreira afirma que a memória constitui a

Capacidade de recordar o vivido, o experimentado, o passado, capacidade de aprendê-lo, filtrá-lo, revivê-lo, refazê-lo ou conservá-lo constitui também um elemento indispensável para a construção de um povo, de sua história, de suas identidades e de suas lembranças. (2013, p.18)

Desse modo, o documentário trabalha as histórias, experiências e vivências da personagem nas várias camadas da memória, como a memória coletiva, individual, étnica, histórica, entre outras.

O registro de memórias trabalhado com a personagem projeta suas histórias, provoca na pessoa espectadora identificação, desperta suas próprias memórias, bem como estimula a contar e registrar suas narrativas, e reconhece as trajetórias de outros e outras,

ouvindo, percebendo e se reconhecendo nos diversos assuntos que podem ser observados nas narrativas.

Em todo o documentário, a “memória” foi um elemento determinante para a concepção, desde o conteúdo até escolhas técnicas. Alguns elementos que compõem o filme, como ruídos sonoros, “excesso” de informações visuais na casa da personagem, imagens captadas com desfoque e cenas fragmentadas, fazem metáfora à nossa memória enquanto indivíduos, dado que nossas lembranças, muitas vezes são difusas, fragmentadas, borradas, bagunçadas, e não conseguimos formulá-las com precisão. Assim, a maneira que o documentário é apresentado ao espectador, no sentido visual e sonoro, remete às formas em que nossa memória se apresenta em nossa mente.

ORALIDADE

A história contada oralmente é um ponto fundamental nessa pesquisa. Documentar tais histórias por meio audiovisual foi essencial na autoafirmação da identidade da personagem, principalmente porque, enquanto pessoa semialfabetizada, não letrada, ela usa o artifício da oralidade para se comunicar, diferentemente, mas não menos importante, de quem usa a escrita. Sobre isso, Ferreira pontua:

É por ela [a memória] que o homem atualiza impressões ou informações passadas e recompõe ou compõe sua história. Numa civilização sem a escrita, marcada pela oralidade como, por exemplo, a africana, a acumulação de elementos na memória faz parte do cotidiano, como garantia de sua identidade, através da transmissão de bens culturais. (2012, p.1)

Ao pensar a história de vida como um objeto a ser estudado nas diversas possibilidades da comunicação, percebi que a história contada oralmente foi um ponto fundamental na concepção do documentário. Por isso, nessa transição, ou conexão, da memória com o campo da oralidade, é importante demonstrar a narrativa pessoal como uma articulação válida na fonte de documentação, seja ela de forma escrita, sonora, visual ou audiovisual.

Em momento algum o intuito foi “dar voz” à personagem, pois reconheço que suas vivências e experiências são elementos potentes por constituir sua identidade e

maneira de se expressar no mundo, mas desejei dar visibilidade a essas potencialidades por meio deste trabalho.

GRIOT

Esse registro das memórias e das narrativas orais encontradas no documentário, assemelha-se a figura do *griot*. Ferreira 2012 define os *griots* como anciãos responsáveis por transmitir aos mais novos, por meio da oralidade, as memórias do povo, ou de uma comunidade. Segundo a autora:

Essa prática de contar histórias para transmitir ensinamentos e costumes ancestrais foi trazida da África, no navio negreiro, e difundiu-se no Brasil, principalmente entre as mães de santo, que reuniam as crianças em seus terreiros e contavam-lhes histórias de África, com o objetivo de ir costurando essa colcha de retalhos, que é a memória afrobrasileira, a fim de que esta seja perpetuada por meio das pessoas que escutam as histórias dos *griots*, mantendo assim essa prática. O trabalho de um *griot* pode ser considerado um ato político, pois em África, ele tinha o objetivo de conservar a memória, e no Brasil, ele tem o objetivo de resistir ao discurso dominante. (FERREIRA, 2012, p. 5)

Assim como os *griots*, a personagem do documentário usa sua arte de narrar histórias para transmitir ensinamentos ancestrais, mesmo que em um contexto diferente do citado pela autora. Essa narração de relatos de vida é fundamental para a cultura oral, pois já que não pode ser executada pela escrita, é necessário que ela conte-as aos seus sucessores para que não se percam. Assim, em um documentário audiovisual, ficam os registros de elementos do passado, que podem ser acessados no presente e no futuro, evitando o esquecimento.

DONA TOINHA E A ESCREVIVÊNCIA

Sendo narrativa de uma mulher racializada, o filme mostra a potência de suas falas, por meio de suas vivências, memórias e imagem. O racismo não é o eixo central dessa produção, mas podemos identificá-lo nas entrelinhas dos relatos. Dessa forma, podemos relacionar o conceito de *escrevivência*, de Conceição Evaristo, com as vivências

documentadas, mesmo que a personagem e o produto audiovisual analisado não utilizem da escrita para registrar memórias e criar narrativas, que é a principal expressão de comunicação que embasa o conceito.

Conforme Evaristo (2020), a escrevivência traz a vivência, a experiência da condição da mulher negra brasileira de origem africana que afirma e celebra sua ancestralidade, mas nem sempre de forma autobiográfica, por meio da escrita. Ela diz:

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais. (EVARISTO, 2020, p. 30)

Desse modo, identifico que a narrativa do filme, que foi construída com a oralidade e visualidade, como uma escrevivência audiovisual, considerando o repertório narrativo trazido pela personagem. Vemos relatos de vida de uma mulher que precisou sobreviver a empecilhos que a vida, sobretudo a sociedade, lhe ofereceu, sendo contados fora da condição de conformismo ou de vítima, mas para se afirmar como pessoa que não aceitou manter sua vida determinada pela sociedade, assim como muitas outras que possuem histórias semelhantes.

Em “Dona Toinha”, a humanização é um dos aspectos centrais do roteiro, tal qual para a escrevivência. Evaristo busca construir personagens humanizados, pois acredita que a humanidade é pertencente a cada sujeito.

A potência e a impotência habitam a vida de cada pessoa. Os dramas existências nos perseguem e caminham com as personagens que crio. [...] São personagens que experimentam tais condições para além da pobreza, da cor da pele, da experiência de ser homem ou mulher, ou viver outra condição de gênero fora do que a heteronormatividade espera. (2020, p.31)

Outra relação da escrevivência com o filme é que, de acordo com Evaristo (2020), são construídas personagens que estão inseridas em espaços de exclusão por vários motivos, e com isso pessoas que também vivem em condições de exclusão costumam se identificar e/ou se sensibilizar com essas personagens. Do mesmo modo que a escritora em seus textos, pode-se dizer que o documentário audiovisual serve como um meio em

que a pessoa espectadora acolha a narrativa a partir de suas experiências pessoais, afeiçoando-se ou não com as narrativas do filme. A escrevivência:

É uma busca por se inserir no mundo com as nossas histórias, com as nossas vidas que o mundo desconsidera. Escrevivência não está para a abstração do mundo, e sim para a existência, para o mundo-vida. Um mundo que busco aprender, para que eu possa, nele, me autoinscrever, mas, com a justa compreensão, de que a letra não é só minha. (EVARISTO, 2020, p. 35)

Com esta pesquisa, consigo perceber que, para a personagem, os seus relatos de vida, contar suas histórias, passar seu aprendizado e experiências, proporcionam sua “autoinscrição” no mundo e na vida das pessoas que a rodeiam.

Para além disso, a escrevivência não aparece somente nas características das narrativas da entrevistada, mas também pela sua origem, gênero e condições socioeconômicas:

A Escrevivência surge de uma prática literária cuja autoria é negra, feminina e pobre. Em que o agente, o sujeito da ação, assume o seu fazer, o seu pensamento, a sua reflexão, não somente como um exercício isolado, mas atravessado por grupos, por uma coletividade. (EVARISTO, 2020, p. 38)

Nota-se, portanto, que a escrevivência está diretamente ligada às narrativas propostas no documentário. A oralidade, nesse contexto, potencializa o que a autora propõe com a escrita, amplificando as vivências e experiências de mulheres negras que têm seu destino projetado pela sociedade, mas ressignificado por elas mesmas.

Ao me debruçar sobre a escrevivência de Conceição Evaristo, não posso deixar de fazer menção à Carolina Maria de Jesus, escritora, negra, catadora de papel, favelada, autora dos livros Quarto de Despejo (1960), Casa de Alvenaria (1961), Pedacos de Fomes (1963), Provérbios (1963) e Diário de Bitita (1982, póstumo).

DOCUMENTÁRIO

O documentário foi pensado com o intuito de transmitir a personalidade da personagem para além da sua imagem e seus relatos de vida. Elementos visuais como a decoração da casa, enquadramento, paleta de cores, imagens de apoio e músicas foram

estrategicamente inseridas no filme para que a pessoa espectadora possa captar as mensagens implícitas nas histórias, e causar provocações e envolvimento acerca daquelas imagens que são mostradas.

A escolha pelo plano fixo surgiu mediante a quantidade de informações que a casa da personagem oferece visualmente. Trabalhar em um enquadramento que captasse tudo que compõe a sua personalidade foi uma alternativa necessária naquele momento. Os quadros e estátuas de santos postos de maneira que cobre quase a parede da sala inteira, junto às flores artificiais e naturais; velas; a renda da mesa; a imagem de seu esposo, quase como uma imagem de santo impressa em uma pedra de mármore; ela se abanando com um papel que contém a imagem de Santo Antônio; dentre outras que podem ser identificadas a cada vez que se assiste às cenas, são detalhes que evidenciam sua identidade.

Figura 1: cena do documentário Dona Toinha



Foto: Reprodução (2023)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este artigo, tanto no campo teórico quanto na análise do filme, percebo que, mesmo que contadas em primeira pessoa, não são narrativas solitárias e narcisistas, encontrando-se na escrevivência quando “extrapola os campos de uma escrita que gira em torno de um sujeito individualizado [...] pois não é uma escrita de si, que se limita a uma história de um eu sozinho” (2020, p. 38).

Além disso, assim como Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus, entre outras mulheres negras inseridas no contexto da escreviência que, por meio da escrita, registram sua ancestralidade e suas vivências, a personagem dona Toinha, com uso da oralidade, também se mostra pertencente nesse conceito, a partir do que pude observar e descrever aqui.

Compreendi que a personagem carrega consigo um aparato cultural coletivo, merecedor de ser registrado, estudado e divulgado. Para além do que escutamos em suas histórias, os pormenores do filme mostram as potencialidades de tudo que foi vivido por ela.

A personagem se torna um *griot* quando, em virtude das narrações de suas histórias, tem como objetivo transmitir os ensinamentos adquiridos em seu itinerário de vida, além de que ao fazer o exercício de contá-los, pretende preservar as suas experiências com as pessoas que a escutam.

É notório o quanto a memória, por intermédio da oralidade e/ou de imagens, é um elemento rico para construção de narrativas. Ademais, avalio que a existência do filme é um elemento a mais do que a personagem já exerce de forma oral, tornando um processo contínuo.

Observo que esse documentário, assim como a pessoa Antônia Alves, é um aglomerado de minúcias capazes de provocar nosso imaginário.

O desenvolvimento deste trabalho ainda fez atentar que a personagem é reflexo de muitas outras mulheres que, assim como ela, tiveram uma vida repleta de adversidades, mas que conseguiram desviar do que a sociedade determinava para mulheres como ela.

Para finalizar, ao assistir um documentário, a maioria das pessoas esperam que, por se tratar de uma relação próxima com a realidade, deve-se respeitar um determinado padrão técnico, estético e sonoro. No entanto, esse curta fugiu dos padrões comerciais, evitando engessar e limitar as experimentações para valorizar a autenticidade do documentarista.

Enxergo, de acordo com meu repertório de espectador, que alguns recursos que fogem do que é pressuposto para um documentário audiovisual, enriqueceram a obra. Sobre isso, Manuela Penafria (2001, p. 1) pontua, inclusive, que “podem contribuir para um esclarecimento e aproximação dos espectadores com a realidade; a realidade que tanto se espera que um documentário nos transmita”.

REFERÊNCIAS

DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (orgs). **Escrevivência**: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

ERRANTE, Antoinette. **Mas afinal, a memória é de quem?** Histórias orais e modos de lembrar e contar. História da Educação. ASPHE/FaE/UFPEL, Pelotas. V. 8. 141-174, 2000. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/30143/pdf>

EVARISTO, Conceição. A Escrevivência e seus subtextos. In: FERREIRA, Amanda Crispim. **Escrevivências, as lembranças afrofemininas como um lugar da memória afrobrasileira**: Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo e Geni Guimarães. 114f. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

FERREIRA, Amanda Crispim. **Recordar é preciso**: considerações sobre a figura do griot e a importância de suas narrativas na formação da memória coletiva afro-brasileira. Em tese. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. V. 18, N. 2, 2012. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/view/3813/3759>

JÚNIOR, Maurício. **Dona Toinha - Documentário Audiovisual**. Youtube, 2 de fevereiro de 2023. Disponível em: <https://youtu.be/ZSYM51e7Ma8>

PENAFRIA, Manuela. **O ponto de vista no filme documentário**. Universidade da Beira Interior, Departamento de Comunicação e Artes, Covilhã, Portugal, 2001. Disponível em <http://bocc.ufp.pt/pag/penafria-manuela-ponto-vista-doc.pdf>

PERAZZO, Priscila Ferreira. **Narrativas orais de histórias de vida**. Comunicação e Inovação. PPGCOM/USCS. V. 16. N. 30. 123-131, 2015. Disponível em https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/2754/1672

VERGÈS, Françoise. **Um feminismo decolonial**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.